

TSING, Anna Lowenhaupt. *Friction: An Ethnography of Global Connection*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005.

Deborah Rio Fromm Trinta

Mestranda em Antropologia Social

Universidade Estadual de Campinas/Unicamp

Publicado em 2005, *Friction: An Ethnography of Global Connection* é uma grande contribuição, não só às pesquisas que se voltam ao estudo do global e ao fenômeno da globalização, assim como às que se debruçam sobre políticas e questões ambientais, mas a todos os cientistas sociais que se submetem aos desafios da etnografia.

A palavra “fricção” se caracteriza, na etnologia brasileira, por um amplo debate no que tange à teoria da fricção interétnica. Proposta pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, essa teoria se debruçava sobre a interação social entre índios e outros segmentos da sociedade brasileira, ressaltando o processo de assimilação cultural, ao qual supostamente as sociedades indígenas estariam submetidas. Essa teoria recebeu muitas críticas, principalmente por olhar para as sociedades indígenas a partir, apenas, da perspectiva do Estado nacional, gerando um amplo debate que não cabe a este texto aprofundar. Dado tal contexto, convém ressaltar que a noção de fricção (*friction*) proposta pela antropóloga sino-americana Anna Tsing não remete ao debate polêmico na etnologia brasileira. Segundo a autora,

[...] I stress the importance of cross-cultural and long-distance encounters in forming everything we know as culture (e.g., Clifford 1997). Cultures are continually co-produced in the interactions I call “friction”: the awkward, unequal, unstable, and creative qualities of interconnection across difference. [...] Instead, a study of global connections shows the grip of encounter: friction. A wheel turns because of its encounter with the surface of the road; spinning in the air it goes nowhere. Rubbing two sticks together produces heat and light; one stick alone is just a stick. As a metaphorical image, friction reminds us that heterogeneous and unequal encounters can lead to new arrangements of culture and power. [...] Speaking of friction is a reminder of the importance of interaction in defining movement, cultural form, and agency (Tsing 2005: 4-6).

Tsing tem a fricção gerada por encontros de diversidade cultural como enfoque para um empreendimento etnográfico acerca do global. As conexões globais emergem a partir

da fricção, cuja funcionalidade em grande medida é dar aderência (*grip*) aos universais, para que estes se movimentem, ou melhor, viajem pelo globo. A antropóloga, longe de recorrer à filosofia política para compreender os universalismos, preferiu analisar como os universais operam no mundo, de modo a manter sua abordagem sempre situada e regada por dados etnográficos. Esse esforço está presente em todo o livro, cuja divisão corresponde aos universais perseguidos pela autora: prosperidade, saber e liberdade. O livro, ainda, faz emergir a perspectiva de diferentes atores –indígenas, ativistas, universitários amantes da natureza (*nature loving*), engenheiros, investidores, entre outros – acerca de questões engendradas pelas políticas ambientais globais, regionais e nacionais. Isso é proporcionado, sobretudo, através do deslocamento etnográfico e político empreendido pela antropóloga, durante a pesquisa de campo, o qual contribuiu para o aparecimento das conexões globais entre os diferentes projetos aos quais esses atores estão conectados. Para tanto, Tsing não recorreu às redes ou à construção de diagramas globais, mas à descrição da movimentação dos universais.

A primeira parte do livro, apesar de intitulada “Prosperidade”, aborda destruição, desespero e melancolia. A partir da experiência das Montanhas Meratus, durante os anos 1990, Tsing centra sua análise no capitalismo e na expansão de suas fronteiras pelo globo. Para a autora, “frontiers are not just edges; they are particular kinds of edges where the expansive nature of extraction comes into its own. [...] They confuse the boundaries of law and theft, governance and violence, use and destruction” (Tsing 2005: 27). Nos anos 1980 e 1990, Kalimantan testemunhou uma onda nacional de empreendedorismo com a liberalização econômica e a consolidação de um capitalismo regional que atraiu investimentos estrangeiros, além de madeiras e mineradoras interessadas nos recursos da floresta. Desenvolvimento econômico é, frequentemente, associado à prosperidade, principalmente em países pobres, e constituía a aposta do regime de Suharto, na Indonésia. Entretanto, com essas mudanças, os direitos das comunidades locais passaram a ser gradualmente anulados, e seus meios de subsistência, destruídos. No final dos anos 1990, o país entrou em uma profunda crise financeira em que foi instaurado o caos, e o controle foi perdido.

A autora argumenta que esses altos e baixos da economia estão em uma relação indissociável. A partir do caso da Bre-x, empresa que atraiu o investimento de milhares de acionistas norte-americanos através da promessa de existência de ouro nas florestas de Kalimantan, Tsing lança a ideia de uma economia de aparências, cuja característica é a necessidade de espetáculo para a atração de capital financeiro. Em outras palavras, qualquer empresa para atrair investidores precisa simultaneamente de uma performance econômica e de uma performance dramática. Para um maior alcance do projeto econômico, é necessário que seja feita uma escala mais abrangente, ou seja, mais universal. Todo projeto cultural, político ou econômico precisa construir uma escala (*making of scale*), podendo ser regional, nacional ou global. Nesse sentido, Tsing analisa as alianças entre projetos heterogêneos, tanto no que tange às escalas quanto à localização, e é nessa zona de fricção que a autora concentra o seu esforço analítico para a compreensão do capitalismo global.

A segunda parte do livro é dedicada à circulação global do saber. A antropóloga tem como questão os distintos saberes envolvidos nas políticas ambientais, em que indivíduos, principalmente cientistas, empreendedores, políticos e ativistas, possuem perspectivas divergentes que incluem fontes contrastantes, mas às vezes confluentes, de conhecimento. A natureza emerge como objeto de reflexão, discussão e advocacia. Nessas confluências

do conhecimento, surgem também colaborações entre projetos que compartilham visões de mundo distintas. Essas colaborações, entretanto, acontecem por meio da diferença, e é através de suas fricções que o saber é moldado. Tsing descreve como a preservação do meio ambiente e, principalmente, da biodiversidade se consolidou como uma preocupação global, de modo que a retórica do ambientalismo “viaja” até as vilas das Montanhas Meratus.

A antropóloga se volta para a arena de alianças entre indígenas e a conservação do ambiente, para além do imaginário moderno que simplifica tal relação em termos de cultivado/selvagem, subsistência/economia de mercado, fazenda/floresta, entre outros. Tais dualidades pouco ajudam na compreensão das relações práticas entre os indígenas e a floresta. Tsing mostra uma floresta viva, repleta de interações entre humanos e não humanos. Uma floresta natural e, sobretudo, social. As categorias conservação e desenvolvimento eclipsam essas relações, produzem lacunas (*gaps*), sobre as quais a autora se debruça como forma de demonstrar as limitações dessas categorias, que são vistas como universais, e de eliciar o saber indígena:

The Social Welfare Department saw “social” people destroying “natural” forests and tried to resettle the people out of the forests. The loggers saw empty, natural forests and came in to log it. The plantation operators saw forest degraded by society and needing to be restored to nature [...]. I could continue. But this is not everything that is going on. There are other forests here too: the social-natural forests of Meratus residents. *To see these forests, a change in perspective is required. I mark this change of perspective in the idea of “gaps”.* Gaps develop in the seams of universal projects; they are found where universals have not been successful in setting all terms. While a transcendent, nonsocial, global “nature” has become a powerful thing worldwide, it is not the only kind of nature on the planet. Whenever we want to trace the limits of hegemony, we need to look for gaps. An ethnography of global connection is impossible without this tool (Tsing 2005: 202, grifos meus).

Marilyn Strathern (2005) ressaltou a potencialidade que a mudança de escalas tem para a observação e descrição antropológica ao complexificar os fenômenos. A mudança de escala pode ser compreendida como uma oscilação na perspectiva, cuja principal característica é a sua parcialidade, ou seja, nenhuma perspectiva pode ser considerada total. Apesar de seu efeito multiplicador, a mudança de escala também implica a perda de informações e abre lacunas (*gaps*). Nesse sentido, a escolha de Tsing de olhar para as lacunas entre os universais é o que possibilita a elicitação da perspectiva indígena acerca da floresta, a qual estava eclipsada por perspectivas centradas no binarismo conservação/desenvolvimento. A mudança de perspectiva empreendida pela autora lhe possibilitou enxergar as florestas Meratus.

Finalmente, ao universal da liberdade, Tsing dedicou a terceira parte do livro, abordando as políticas globais de justiça social e as coalizões entre os diferentes ativismos. No contexto pós-guerra fria, as causas dos direitos humanos, do feminismo e do ambientalismo conquistaram influências por todo o globo, estabelecendo um discurso em termos de justiça, liberdade e direitos universais. Tsing volta a sua atenção para as alianças, muitas vezes estranhas (*awkward*), entre os diferentes movimentos e mobilizações sociais, tendo sempre em foco as políticas ambientais e o modo como elas circulam pelo globo.

É nesse aspecto que o exemplo da luta de Chico Mendes contra o desflorestamento da Amazônia rende analiticamente. Chico Mendes conseguiu associar a luta dos seringueiros contra as madeiras à retórica da preservação. Através de suas viagens aos Estados Unidos, conquistou o suporte transnacional para fortalecer as vozes brasileiras dos seringueiros e, além disso, por meio dessas alianças construiu uma imagem da preservação da Amazônia como um problema global. Como esse caso, outros “pacotes” de ativismos tendem a se espalhar pelo mundo quando traduzidos para termos inteligíveis que influenciem intervenções nas cenas locais, de modo a mobilizar pessoas e influenciar projetos políticos.

Nesse sentido, Tsing não pensa as colaborações e solidariedades entre os diferentes movimentos em termos de homogeneidade, mas, ao contrário, está na diferença e nas fricções que ela produz as mais culturalmente produtivas formas de colaboração. Olhar para essas zonas de fricção se apresenta, na perspectiva da autora, como uma potente ferramenta metodológica para que as conexões globais emergjam e para a apreensão das novas formas culturais e dos novos arranjos do poder.

Referências

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1957. “Preliminares de uma pesquisa sobre a assimilação dos Terêna”. *Revista de Antropologia*, 5(2):201-204.
- CLIFFORD, James. 1997. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press.
- STRATHERN, Marilyn. 2005. *Partial connections*. Lanham: Rowman Altamira.
- TSING, Anna Lowenhaupt. 2005. *Friction: An Ethnography of Global Connection*. Princeton/Oxford: Princeton University Press.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1999. “Etnologia Brasileira”. In: Anpocs, *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. Antropologia 1. pp. 109-223.